

“Aprofundar a mudança”

Este é o lema com que Jaime Teixeira Mendes se vai recandidatar a Presidente da Secção Regional do Sul da Ordem dos Médicos, após um triénio 2014-2016 em que procurou “impulsionar a mudança”.



Fomos ao seu encontro, ouvir o balanço que apresenta daquilo que foi conseguido neste período. Questionado sobre se a mudança de facto se materializou, diz-nos que sim, embora “em três anos não se consiga fazer tudo nem modificar a estrutura de uma secção que tem consigo onze distritais e mecanismos de gestão interna muito estagnados”.

A primeira questão de que o Presidente nos fala prende-se com “a democratização da Ordem”, nomeadamente através de uma coordenação efectivados Conselhos Distritais que “até então praticamente não existia”. Uma das promessas eleitorais da candidatura de Jaime Teixeira Mendes tinha sido a realização de reuniões trimestrais com os representantes de todos estes onze Conselhos, a qual foi efetivamente cumprida. Simultaneamente, os distritos passaram a ter cada um o seu orçamento, com verbas atribuídas pela Secção Regional do Sul, e todos os anos é apresentado um relatório de despesas. O nosso interlocutor real-

ça que esta é “uma situação mais justa e transparente, em que o dinheiro é distribuído de uma forma mais equitativa pelos diferentes distritos”.

A informatização da Secção Regional do Sul foi uma prioridade. Procedeu-se à remodelação da rede,

com aquisição de novo hardware e hoje todos os postos de trabalho têm o material necessário a um desempenho eficiente. Implementou-se também a ligação por fibra óptica em todas as distritais.

Há ainda neste tema um avanço que Jaime Teixeira Mendes salienta: “As cédulas profissionais deixaram de ser intermediadas por um banco e são feitas pelos serviços da ordem, depois de uma formação inicial. A inscrição automática para os médicos formados em Portugal permite que a partir de agora com apenas um contacto muito breve se realizem as atividades que implicavam três deslocações à Ordem: inscrição, passagem do certificado e tratar da cédula.”

Outro problema que a Secção Regional do Sul tinha por resolver era encontrar uma solução para minorar os “gastos enormes com a Casa do Médico de Sines”. Explicitandome-lhor, “este empreendimento nunca atingiu o seu objetivo inicial, para que os médicos de uma certa idade pudessem beneficiar alide uma casa de re-

pouso. Foi sempre uma pequena estalagem, com alguns benefícios para os médicos e familiares nomeadamente a nível de preços. Tendo uma situação privilegiada sobre a Baía de Sines, era de certa forma o “elefante branco” da Secção Regional do Sul e deu sempre prejuízo”. A solução encontrada foi a celebração de um contrato com o Hotel Dom Vasco, que “ficou com a sua exploração durante um período de dez anos e manteve os funcionários que lá tínhamos. Ao mesmo tempo, terão que ter sempre 25% dos quartos reservados para médicos e todas as regalias que os médicos tinham foram mantidas”.

Este desfecho está na linha de um conjunto de medidas que refletem “um controlo orçamental mais rigoroso” e cujo resultado é o superavit que a Secção apresenta ao fim destes três anos, conseguido mesmo depois da aquisição de uma vivenda para as distritais de Lisboa e da Grande Lisboa.

Percorrendo outros aspetos da sua liderança, Jaime Teixeira Mendes



Apresentação do Prémio Professor Jorge Horta da Silva, a 6 de setembro

menciona também a gestão do Departamento Internacional da Ordem dos Médicos para as relações europeias, no âmbito da qual “um dos membros desta secção foi eleito Vice-Presidente da União Europeia dos Médicos Especialistas”; o reforço do Departamento Jurídico face a “um passivo de 700 queixas por resolver que tinham sido deixadas pela direção anterior”; a melhoria da comunicação externa, com “uma página de Facebook que não existia, uma newsletter e uma melhoria do grafismo da nossa revista mensal”.

Em síntese, o Presidente diz que “estas são as coisas que quisemos mudar e queremos manter dentro da Ordem, porque o que nós encontramos, há três anos, era uma instituição burocratizada e cheia de vícios. Em suma, estamos aqui para trabalhar e para servir os médicos”.

Paralelamente a este conjunto de reformas, a atual Presidência foi também responsável por um amplo trabalho de dinamização social, científica e cultural. Ao todo, foram mais de cem eventos. Como exemplos, podem indicar-se os Congressos de Medicina e do Médico Interno, em Lisboa, as Jornadas das Ilhas da Macaronésia, no Funchal, o Juramento de Hipócrates, a Mostra das Especialidades (MOS-TREM), para além das homenagens a médicos com 25 e 50 anos de inscrição na Ordem, diversos encontros de divulgação e debate, espetáculos musicais e exposições de trabalhos literários e artísticos dos médicos.

De salientar os cursos anuais de fotografia digital e de teatro, a formação de um orfeão da SRS e os cursos de gestão para médicos em parceria com as universidades Católica e ISCTE.

Não descurámos a realização de Encontros de carácter científico, como “os Sábados do Saber” e a divulgação de vídeos temáticos.

Foi criado um prémio bienal nacional e internacional Professor Jorge da Silva Horta de investigação para jovens médicos até aos 35 anos que apresentassem o melhor trabalho escrito de investigação clínica.

Defesa da classe e do Serviço Nacional de Saúde

Em acréscimo a todas as referidas atividades, a Secção Regional do Sul manteve também uma intensa presença na reação às variadas questões que condicionam a vida dos médicos e a oferta de saúde à população. Para além das intervenções públicas, é feito um trabalho de auditorias aos serviços, muitas vezes em conjunto com os colégios da especialidade ou com o Conselho Nacional do Médico Interno (CNMI). “Temos percorrido todos os distritos do Sul e das Ilhas, no sentido de podermos ver a qualidade da medicina praticada e a formação que os internos estão a ter”, refere.

Quanto às relações com a tutela, admite que “estão a ser mais fáceis com o atual Ministério, que, pelo menos, mostra uma maior abertura para receber e ouvir a Ordem. Inclusive nesta questão das auditorias, foi-nos prometido que iria ser publicada a possibilidade de também as fazermos nas instituições do setor privado e do setor social”.

Alargando a nossa conversa para as matérias que estão na ordem do dia junto da classe, Jaime Teixeira Mendes começa por dizer que não é “um grande defensor dos incentivos monetários” para que os médicos se estabeleçam no Interior. Fundamentando, “os médicos não vão para lá pelo facto de lhes oferecerem mais mil euros. Se a questão for o dinheiro, então é impossível concorrer com a Arábia Saudita, que chega aqui e oferece 15 mil euros”.

Em alternativa, “o que se devia fazer era investir mais nesses hospitais para que tenham lá seniores com valor mas este problema surgiu devido à destruição das carreiras médicas. Antigamente, iam pessoas de grande nome para os Hospitais Distritais; decidiam ir e atraíam muitos jovens da altura, que foram para lá treinar cirurgia, radiologia, etc. Esta vida desapareceu completamente dos Hospitais Distritais e desapareceu por uma prepotência dos gestores, que chegam e dizem aos médicos que têm que cumprir determinados números por mês senão são castigados. Desde que se iniciou a

gestão privada que a relação entre médicos e gestores passou a ser do pior que existe”.

O entrevistado continua dizendo ainda que “a gestão privada introduziu métodos de gestão não-hospitalar, que trouxe das empresas, em que os decisores estavam na administração e depois os operários cumpriam. Só que eles não perceberam, ou não quiseram perceber, que entraram em empresas que não têm nada a ver com isso. O trabalho do médico, que para eles corresponderia ao operário, é o de um decisor e não um trabalho em série”.

Por fim, relativamente aos problemas do SNS, sublinha que “há muitas forças que querem acabar com o SNS”. O fator que aponta imediatamente foi “a introdução dos co-paga-

mentos, que supostamente eram taxas moderadoras mas que, de facto, funcionaram mais como um co-pagamento do que como uma taxa moderadora”. Associando esta prática ao crescimento do setor privado, diz que “uma pessoa não pode ir a uma consulta no Hospital de Santa Maria e pagar dez euros ao mesmo tempo que, por ter ADSE, pode pagar três euros num privado”. Chama também a atenção para “o combate às listas de espera que é feito através dos cheques-cirurgia” e para a forma como esta é outra situação que “leva os privados a ganharem muito dinheiro à custa do Estado”. O Presidente defende que este combate “deve ser feito dentro do SNS”, apelando a que se criem condições para que os blocos operatórios possam funcionar até mais tarde.

PRÉMIO

PROFESSOR JORGE DA SILVA HORTA

Jorge da Silva Horta (1907 - 1989)
 Prof. Catedrático de Anatomia Patológica - 1948
 Diretor da Faculdade de Medicina Lisboa (1955 - 1960)
 Diretor do Instituto de Anatomia Patológica - FML (1966 - 1979)
 Bastonário da Ordem dos Médicos de 1956 - 1961

CANDIDATURAS
As candidaturas deverão ser apresentadas de 15.09 a 31.10.2016, por email para: premioprof.jorgehorta@omsul.pt, ao cuidado de Teresa de Sousa.

PRÉMIOS
1.º Prémio - 25.000 euros
2.º Prémio - 12.500 euros
Cabe ao Júri do concurso fixar os critérios de seleção dos candidatos e de análise das candidaturas, baseados no carácter inovador e no potencial impacto na prática clínica.

REGULAMENTO DISPONÍVEL EM WWW.OMSUL.PT

O Prémio Professor Jorge da Silva Horta é dirigido aos médicos com idade não superior a 35 anos, visando distinguir os melhores artigos originais de investigação clínica, publicados ou aceites para publicação em revista com fator de impacto.



CONSELHO REGIONAL DO SUL